

Das palavras ditas às escritas: lendas da Procissão das Almas de Mariana

Juliana Bortolossi da Silva¹
Igor Gabriel Rodrigues Montarroios²
Letícia Gabrielli Ribas De Souza³
Daniel Paiva de Macedo Junior⁴
Universidade Federal De Ouro Preto - UFOP

RESUMO

Este trabalho analisa as lendas de Mariana, Minas Gerais, que envolvem o caso da Procissão das Almas. A realização anual da procissão na cidade de Mariana tensiona os modos como as pessoas se envolvem com práticas culturais, especialmente com as relações com memórias que permeiam os modos de imaginar lugares. As lendas que envolvem esse acontecimento se dão como reposicionamentos de referentes culturais em meio ao momento em que vivemos e, nessa relação, nos interessa pensar o processo narrativo como um gesto de memória a partir do exercício que realizamos para textualizar as lendas.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Imaginário; Cultura; Procissão das Almas; Lendas.

Procissão é um termo usado para se referir a uma caminhada em grupo, tal qual um cortejo, podendo ser religiosa, com imagens veneradas seguidas por fieis, ou não. Esse tipo de manifestação é realizada por inúmeras culturas ao redor do mundo ao longo dos anos, como aponta Victor Turner (2008). Ao longo do tempo, as procissões ganharam novas definições e se tornaram parte fundamental das celebrações católicas.

Na Região dos Inconfidentes, temos a Procissão das Almas, realizada na cidade de Mariana desde 1850 e iniciada às 00:05 do Sábado de Aleluia. Dentre os registros sobre a procissão, está o livro *Lendas Marianenses* de Waldemar de Moura Santos (1966) – fundador e primeiro presidente da Academia Marianense de Letras. A obra aponta que o cortejo foi criado pelos ditos “pagãos”⁵ que, em ruptura com as tradições católicas, ironizavam as comemorações da Semana Santa – a marcha das almas acontece sempre nos primeiros minutos da madrugada entre a Sexta-Feira da Paixão e o Sábado de Aleluia.

¹ Estudante do 2º período do Curso de Jornalismo da UFOP; e-mail: juliana.bortolossi@aluno.ufop.edu.br

² Estudante do 2º período do Curso de Jornalismo da UFOP; e-mail: igor.montarroios@aluno.ufop.edu.br

³ Estudante do 2º período do Curso de Jornalismo da UFOP; e-mail: leticia.ribas@aluno.ufop.edu.br

⁴ Professor do Departamento de Jornalismo da UFOP; e-mail: daniel.3macedo@gmail.com.

⁵ Trata-se de um termo adotado para produzir diferenciações sociais, indicando pessoas tidas como desviantes da fé católica e dos dogmas religiosos.

A Procissão das Almas, em suas primeiras formas, se dava como uma forma de resposta ou protesto da população contra o poder dominante, que, no contexto inicial, é representado pela Igreja devido à sua ligação com a coroa portuguesa; em sua forma contemporânea, é envolvida por um conjunto de lendas que a posicionam como uma criação cultural que não se limita aos ditames católicos e se ampliam a partir das tradições e dos imaginários sobre a cidade e os modos de vivenciá-la.

Após anos de ausência, a Procissão se realiza ininterruptamente desde a década de 1970 mobilizando dinâmicas socioculturais que a atrelam à cidade de Mariana tanto pelo viés espacial, quanto pelas dimensões culturais que fomentam a manifestação. Ao reconhecermos sua importância, nos interessam as lendas que a estruturam por considerarmos que, com elas, enredam-se elaborações que tensionam os modos de significar o percurso e as performances exercidas durante a procissão. Para estudarmos as lendas que envolvem a procissão, admitimos que se tratam de narrativas orais e que, geralmente anônimas, conferem um caráter sobrenatural e místico às ações cotidianas, reposicionando a cultura que as fomenta. Nesse rumo, nos aproximamos das proposições de Karen Amorim (2012) ao pesquisar o caso e notar que

“Não existe uma versão definitiva sobre a Lenda da Procissão das Almas, e muito menos uma interpretação imutável sobre o significado da mesma e de sua representação na cidade, dependendo sua reflexão e suas intencionalidades, dos interlocutores para os quais é direcionada, constituindo a Lenda, portanto, um ato de comunicação em que o indivíduo coloca seus anseios, reflete suas crenças e sua identidade social e coletiva, e em que manifesta suas intenções de legitimação de hierarquia de valores, seus protestos, seus sentimentos de repúdio ou sua identificação com práticas e ideologias”

Há, pois, uma multidimensionalidade ao acontecimento instaurada pelas diferentes lendas – e suas adaptações – que singularizam a Procissão a partir dos diferentes agentes que a envolvem. Por isso, nesse trabalho, retomamos duas lendas que refletem momentos diferentes da performance que estrutura a procissão. Dentre as variações entre as lendas, escolhemos duas histórias que nos são partilhadas por performances orais. Como nos ensina Paul Zumthor (1989), a oralidade se constitui como uma dinâmica adaptativa em que a tradição se reelabora a partir das tensões de um dado espaço-tempo; com isso, ao nos envolvermos com lendas a partir de suas enunciações orais, admitimos o que há de instável nessas elaborações que se dão sob as tensões do presente em que a cultura se movimenta.

Após as experiências com escutas da oralidade, aqui tomadas como práticas de pesquisa, realizamos processos de sistematização das lendas a fim de textualizá-las. Com esse processo, consideramos que os modos que empenhamos ao narrar o que ouvimos se dá como práticas de tomadas de posição em que a cultura se reposiciona a partir dos trânsitos simbólicos que exercitamos ao narrar – aspecto que nos interessa refletir após a partir da experiência de escrevê-las.

A primeira lenda se passa na rua Dom Silvério, contando a história de uma mulher conhecida atualmente na procissão como Maricota de Todos os Santos, que adorava cuidar da vida alheia e, como estavam reclamando que ela incomodava as pessoas durante o dia, ela decidiu vigiar as ruas durante a madrugada. Essa mulher era conhecida como fiscalizadora do bairro pois as pessoas não eram permitidas de ficar nas ruas depois que os lampiões fossem apagados então, no dia seguinte, ela contava tudo o que havia se passado durante a noite sobre quem estava na rua. Um certo dia, ela começou a escutar tambores, matracas e um canto de um grupo e decidiu ficar de olho durante toda a passagem dessa “festa”. Quando a procissão passou em frente a janela da mulher, ela notou que as figuras que estavam presentes não tinham rostos visíveis e um participante entregou uma vela para a mulher guardar, dizendo que na volta da procissão ele pegaria com ela. Como ela não era aceita pelas pessoas da cidade por ser fofoqueira, ela ficou agradecida por uma procissão, que na cabeça dela era religiosa, confiar nela para guardar uma vela. Quando a pessoa retornou para pegar a vela, a mesma figura disse “A noite é dos mortos. Mulher, guarde a sua língua e futuramente estaremos juntos em outra parada.” e ela não entendeu o recado e foi buscar a vela que havia guardado e então ela notou que essa havia se transformado em um osso humano de um cadáver. Aqui, a lenda se divide com dois finais distintos, um deles retrata que a mulher morreu na hora em que viu o osso e a partir de então ficaria vigiando todas as procissões e por isso não seria permitido olhar para trás durante a passagem do cortejo. O outro final retrata que, no dia seguinte, a mulher foi à igreja confessar o que tinha visto e o padre a absolveu, deixando ela viva.

A segunda lenda retrata uma mulher que vivia na Igreja e cobiçava o padre, conhecida popularmente como Barata de Igreja, e ficou enciumada no momento em que uma professora se candidatou para auxiliar o padre. A Barata de Igreja espalhou o boato que a professora estava se relacionando com o homem, mesmo ele sendo um padre e ela estando noiva e, para provar, a mulher colocou os sapatos do padre dentro da casa da professora, incriminando-a para a população marianense. Após o boato, a professora foi expulsa da casa de seus pais e terminou seu noivado, indo morar na rua, vagando pela cidade até morrer. Em seu enterro, como Mariana é uma cidade pequena do interior, todos os cidadãos apareceram no velório e, segundo a lenda, a Alma da professora disse que quem a caluniou estava entre eles. Após o susto, a Barata de Igreja foi se confessar para o padre e recebeu o castigo de recolher todas as penas da cidade, levá-las para o alto de uma montanha e esperar um vento forte derrubar todas as penas para que o castigo fosse feito. Até hoje na procissão são jogadas penas nas ruas para que a mulher recolha e pague seus pecados.

Ao nos envolvermos com as lendas a partir das partilhas orais que nos são possíveis em Mariana, podemos notar a presença desses casos nas culturas que envolvem a cidade; sendo suas narrações uma possibilidade dentre as experiências que dinamizam cotidianos e que tensionam os modos como elaboramos imaginários sobre a cidade. Assim como Fernanda Sylvestre (2012), nos interessa pensar que as lendas se dão como modos de afirmação sobre a cidade na medida em que se retomam referenciais culturais para ressignificar determinados espaços.

Se retomarmos o referencial de Milton Santos (2006), para quem a multidimensionalidade dos espaços organiza múltiplas significações em formas de lugares, importa notarmos como as lendas se dão como afirmações de lugares permeada pela relação com a história e com a cultura que envolve a cidade. Assim, essas lendas se dão como demarcações de lugares a partir de marcadores da tradição que, por sua vez, coabitam com outras demarcações possíveis no mesmo espaço. A Rua Dom Silvério é o

lugar onde Maricota vigia, mas também é lugar das Igrejas, das Escolas e assume outros nomes, outras formas.

As lendas mobilizam imaginários das cidades num jogo singular com o tempo em que se retomam determinados referentes culturais e os contrapõem às materialidades e às dinâmicas sociais contemporâneas. Há uma relação instável em que se admite a possibilidade de tais ocorrências, embora elas se marquem por seus vestígios e incertezas frente ao que mudou e às ausências de ‘provas’. Assim, a forma oral de transmissão das lendas firma-se como uma performance que opera essa instabilidade se, como nos lembra Paul Zumthor (1989), valorizarmos que as ausências de documentos comprovadores se confrontam pela crença, pela tradição, pela afirmação daqueles que reposicionam as lendas em dados espaços e tempos.

Ao lançarem características da sociabilidade num espaço, como os momentos em que os lampiões eram apagados ou sobre as relações com as montanhas onde se fazem as penitências, revelam-se modos de viver a cidade que materializam os confrontos entre o que foi e o que se tornou a cidade. Essa relação nos permite notar como as afirmações de lendas, ao elaborarem outras demarcações de lugares e, com eles, de experiências sociais, tensionam os modos de imaginarmos Mariana, especialmente quando retomamos as contribuições de Stephen Recket (1989) ao elaborar sobre o caráter movediço do imaginário das cidades a partir do acionamento de histórias que deslocam os referentes simbólicos sobre o espaço.

Nessa relação, ao assumirmos o papel de narrar as lendas em formas textuais, nos percebemos como agentes que operam esses deslocamentos. A escolha de palavras, de referentes e do fluxo narrativo se dão como operações sensíveis que nos permitem reposicionar a tradição que acolhemos por afirmações orais a partir de outros modos de disposição – e, com isso, suportados por outras experiências viabilizadas pelas especificidades dos modos de narração. Na combinação entre narrativas e formatos que as engendram, nos interessa pensar que os processos de narração das lendas se dão como “gestos de memória” ao nos valermos das contribuições de Luciana Amormino (2023) que evidenciam as processualidades em que as memórias operam-se por performances que mobilizam tomadas de posição, selecionando o que deve ser lembrado e esquecido.

Ao narrar lendas, com a dualidade entre lembrar e esquecer, admitimos essa relação com o outro que nos lê, que nos escuta; e para quem partilhamos não apenas uma história improvável, mas um projeto de memória marcada pelos gestos que exercitamos para convocar outros modos de ver e de viver Mariana. A Procissão das Almas, ao retomar essas lendas, aprofunda essas relações ao marcar-se como um acontecimento que incide sobre as tradições e oralidades que a formatam; por isso, conhecer as lendas e perceber as implicações ao narrá-la torna-se um marco fundamental – e inicial – para pensar outras dimensões sobre a procissão.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Karen **Aspectos pragmático-cognitivos e discursivos envolvidos em recontagens da lenda da procissão das almas na cidade de Mariana-MG**. 2012. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2012.
- SANTOS, Waldemar de Moura. **Lendas Marianenses**. Mariana: Associação Memória Arte Comunicação e Cultura, 1966.
- RECKET, Stephen. **Imaginário da cidade**. Lisboa: Fund Calouste Gulbenkian, 1989.
- SANTOS, Milton. **A natureza do tempo: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: EdUSP, 2006.
- SYLVESTRE, Fernanda Aquino. **O uso de lendas urbanas: uma proposta de leitura**. Campina Grande: Realize Editora, 2012.
- TURNER, Victor. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Niterói: EdUFF, 2008.
- ZUMTHOR, Paul. **La letra y la voz**. Madrid: Cátedra, 1989.